

3

O modo de proceder pedagógico jesuítico: de Paris, Alcalá e Messina aos nossos dias

LUIZ FERNANDO KLEIN, SJ

Introdução

O presente trabalho pretende destacar os principais elementos do ‘modo pedagógico de Paris’ que no século XVI marcou tão profundamente a formação da primeira geração de estudantes jesuítas que foi assumido como padrão para as instituições educativas da Companhia de Jesus. Passo seguinte será mostrar que as notas principais do *modo de Paris* permanecem presentes e inspiradoras nas orientações pedagógicas atuais do trabalho educativo que a Ordem dos Jesuítas dirige ou apoia.

A referência fundamental destas considerações é a obra clássica de Gabriel Codina Mir, a sua tese doutoral aprovada na Universidade Gregoriana, de Roma: *Aux sources de la Pédagogie des Jésuites: Le ‘Modus Parisiensis’*¹. Nesse trabalho, a partir de uma ampla e profunda pesquisa bibliográfica, o autor mostra as fontes constitutivas do chamado ‘modo pedagógico de Paris’, os fatores que o configuraram e a irradiação que dele se seguiu.

-
1. Gabriel Codina Mir, *Aux sources de la Pédagogie des Jésuites: Le ‘Modus Parisiensis’*. (Roma: Institutum Historicum S.I, 1968).

Adotamos a expressão *modo de Paris*, porque, como afirma Codina, não se trata de um ‘método’, mas de um enfoque, de um estilo, de um padrão para o trabalho educativo, como será visto adiante.

1. Os Jesuítas e Paris

Conforme relatou ao Pe. Luís Gonçalves da Câmara na sua *Autobiografia*, Inácio de Loyola, após retornar da peregrinação à Terra Santa, onde pretendia viver o resto de sua vida, estabeleceu-se em 1524 em Barcelona. Com 34 anos de idade, decidiu retomar os estudos de gramática latina, ao lado das crianças da cidade, com o intuito de capacitar-se para o serviço de espiritualidade que pretendia oferecer às pessoas².

Aprovado por seus professores ao cabo de dois anos, Inácio dirigiu-se à prestigiada Universidade de Alcalá de Henares, onde juntamente com os companheiros, mais tarde fundadores da Companhia de Jesus, teve contato pela primeira vez com a expressão *modo de Paris*. Inácio pretendia cursar o Curso de Artes, a então Faculdade de Filosofia, no entanto, o número de disciplinas que escolheu cursar, os processos e a prisão infligidos pela Inquisição, que não lhe permitia pregar a religião sem haver completado os estudos, obrigaram-no a abreviar sua estadia depois de ano e meio, e viajar a Salamanca. Chegando aí em julho de 1527, Inácio encontrou as mesmas dificuldades anteriores, falta de diretor de estudo, acusações e prisão, que o impediram de estudar como desejava, tendo resolvido mudar-se para Paris, dois meses depois.

Na Cidade Luz, onde Inácio entrou dia 2 de fevereiro de 1528, aconteceu a sua melhor vivência educativa, graças a um modelo pedagógico que adotaria vinte anos depois para os colégios da Ordem, que a essa altura nem sonhava fundar. No *Colégio de Montaigu*, que começava a aplicar o humanismo renascentista e novos métodos pedagógicos,

2. Inácio de Loyola, *Escritos de Santo Inácio. O Relato do Peregrino* (São Paulo: Loyola, 2006), n. 54 e ss.

Inácio dedicou ano e meio à retomada do estudo de latim, no qual se sentia sem base, passando em setembro de 1529 para o *Colégio de Sainte Barbe*³. Este era um colégio afamado pela renovação dos cursos que oferecia e pela competência do quadro docente. Aí Inácio encontrou-se com Pedro Fabro e Francisco Xavier, com os quais passou a compartilhar a hospedagem. Inácio concluiu o bacharelado em Artes, em 1532, a licenciatura no ano seguinte, e em 1535, com 44 anos de idade, recebeu o grau necessário para o magistério ou doutorado. Dois anos antes, Inácio havia começado os estudos de Teologia no *Colégio de Saint-Jacques*, dos frades dominicanos, onde ficou 18 meses⁴.

A experiência pedagógica parisiense marcou Inácio por diversos fatores que ele não havia encontrado nas demais universidades, a ponto de não hesitar em recomendá-la ao seu sobrinho Beltrán de Loyola, em setembro de 1539:

se o meu juízo tem algum valor eu não o enviaria a outro lugar que não Paris, porque lá vós o fareis aproveitar mais em poucos anos que em muitos outros em outra universidade, e depois é terra onde os estudantes conservam mais honestidade e virtude⁵.

Paris foi o lugar onde Inácio encontrou como companheiros de estudos aqueles com os quais fundaria, em 1540, a Companhia de Jesus. Pouco depois, outros jesuítas, como Jerônimo Nadal, também experienciaram o mesmo padrão pedagógico. Quando se tornaram ex-alunos de Paris, os jesuítas continuaram a referir-se com gratidão

-
3. O humanismo foi o movimento sociocultural que se difundiu na Europa no século XVI, constituindo uma nova antropologia que fez emergir a categoria de indivíduo. É considerado, também, como uma tomada de posição filosófica de promoção e defesa da pessoa contra riscos de opressão e alienação (Sylvain Auroux, Org. “Les Notions Philosophiques I”, in André Jacob, *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990).
 4. Jorge Ganss, *Universidad y educación jesuíticas ideadas por San Ignacio* (La Habana: Ediciones y Publicaciones Antillenses, 1958), 22-31.
 5. Carta a Beltrán de Loyola (1539), in San Ignacio de Loyola. *Obras Completas* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963), 671.

e ternura à universidade onde se haviam formado, chegando a nominá-la como mãe⁶.

2. A Universidade de Paris

Na primeira metade do século XVI Paris caracterizava-se por abrigar uma universidade de renome internacional, ao redor da qual gravitava uma constelação de colégios. Estes, no início, eram residências para os alunos de baixa renda, e onde paulatinamente começaram a ser oferecidas as disciplinas do curso equivalente ao ensino pré-universitário.

Falar de Universidade de Paris sugere, imediatamente, a ideia de uma instituição educativa de nível superior. Mas na realidade tratava-se de um complexo, ou de um *aglomerado*, como diz García-Villoslada, de mais de 50 *colégios, conventos, igrejas, pensionatos, livrarias, etc.*, no Quartier Latin, frequentado por cerca de 5.000 estudantes, de muitas nações e idiomas distintos⁷.

Nesse complexo distinguiu-se o *Colégio de Montaignu, o mais severo da universidade parisiense*⁸ que Inácio de Loyola, desejoso de sanar as deficiências das aprendizagens prévias, frequentou como aluno externo durante um ano e meio, a partir de 1528. O colégio havia passado por uma reformulação pedagógica sob a direção de Jean Standonck, que trouxe elementos inovadores da escola dos *Irmãos da Vida Comum*, que havia frequentado. Sua meta era ambiciosa: formar gente renovada, mediante a conjugação de uma vida mortificada com o domínio das ciências. O colégio era um marco notável do *modo parisiense* de ensino e aprendizagem.

-
6. Codina esclarece que os jesuítas continuariam a se considerar filhos da Universidade de Paris, não obstante o decreto de censura exarado pela Faculdade de Teologia contra eles (Codina, *Aux sources*, 258).
 7. Ricardo García-Villoslada, *Santo Inácio de Loyola. Nova Biografia* (São Paulo: Loyola, 1991), 305.
 8. García-Villoslada, *Santo Inácio*, 307.

3. ‘Arquitetura’ do *modo parisiense*

A exaustiva pesquisa de Codina concluiu que o *modo de Paris* era um conjunto complexo de hábitos escolares, de normas pedagógicas, de princípios e modos de agir, que modelaram durante séculos o ensino parisiense, conferindo-lhe de certa forma uma personalidade absolutamente original e única⁹. O complexo ao qual se refere Codina nos leva a supor que o *modo parisiense* era algo muito mais amplo que as estratégias de ensino e aprendizagem aplicadas em sala de aula. Entendemos que os colégios de letras humanas em Paris, na primeira metade do século XVI apresentavam uma ‘arquitetura’ educativa que era constituída de quatro elementos: organização, metodologia, formação religiosa e atenção personalizada.

3.1. Organização escolar

O que sobressaiu de imediato no *modo parisiense* e provocou o seu amplo prestígio foi não poupar os meios e as condições de possibilidade para atingir a qualidade educativa pretendida, para permitir aos estudantes que lograssem o maior proveito dos estudos. A estrutura dos colégios, as atribuições dos gestores, professores e auxiliares, o funcionamento cotidiano, eram regulamentados com clareza e precisão e tornados públicos para o conhecimento e segurança de toda a comunidade escolar.

Não só a organização geral do colégio era regulamentada, mas também as aulas. A grade curricular apresentava-se concatenada, orgânica, com as matérias dispostas numa progressão que não permitia o avanço do aluno em débito com os conteúdos da etapa que cursava. As aulas eram lecionadas por um professor designado para cada disciplina. Os alunos eram distribuídos em classes, conforme a sua idade, a complexidade das matérias e o nível académico, aferido no ato da matrícula e comprovado nos ‘exames de passagem’ de uma etapa ou de um curso para o seguinte. Dessa forma, evitava-se o inconveniente

9. Codina, *Aux sources*, 147.

de misturar na mesma classe alunos adultos ou idosos com crianças, atrasados com adiantados, etc. As classes eram montadas em grupos de dez, as *decúrias*, coordenadas por um *decurião*.

A organização regulamentava a seleção criteriosa dos professores, que recebiam normas pormenorizadas para o seu correto desempenho, do qual deveriam dar conta periodicamente à autoridade acadêmica. Eram definidos também o horário escolar, a sequência das disciplinas, o calendário de dias letivos, de descanso e de férias.

No aspecto organizacional chamam a atenção no sistema parisiense os mecanismos de vigilância e de controle dos alunos. Estes eram subtraídos a eventuais maus exemplos dos adultos, e colocados em internatos, onde poderiam conviver com seus professores, serem mais facilmente acompanhados e obter melhor proveito dos estudos.

Outro elemento organizacional que se destaca no *modo parisiense* é a admissão dos alunos novos precedida de exames de suficiência e de entrevista com os pais. Na ocasião estes eram informados sobre o regime de estudos e sobre as severas sanções disciplinares de cujas normas recebiam uma cópia.

Codina conclui a sua tese doutoral indicando dois fatores que configuraram o *modo parisiense*¹⁰. Em primeiro lugar o fato de o ensino básico passar a ser cada vez mais oferecido nos colégios, com uma formatação própria, quando antes era exclusividade das universidades. Ao mesmo tempo deu-se a passagem do regime de externato para o de internato, com o conseqüente aumento da influência da universidade sobre os colégios, através do maior controle da vida e dos estudos dos alunos e da convivência diuturna destes com seus professores¹¹.

10. Codina, *Aux sources*, 148-149.

11. Explica Storck: *No começo do século XVI a universidade se impôs como autoridade plena, sendo que o reitor passou a comandar tudo o que se referia ao regime escolástico e disciplinar dos colégios e seus estudantes. É devido a esta estrutura organizativa e a esta forte autoridade exercida pela universidade sobre os colégios que se deve atribuir, em boa parte, a unidade e a eficácia do sistema educativo de Paris* (João Batista Storck, “Do Modus Parisiensis ao Ratio Studiorum: os jesuítas e a educação humanista no início da Idade Moderna”, *Revista História da Educação* 20, n. 48 (Jan. Abr. 2016): 139-158.

Em segundo lugar a vigência do método da Escolástica¹² no ensino de Paris, impregnando-o de ordem, distinção, análise, sistematização, avanço progressivo e exercícios frequentes¹³. Mantinha-se a *preocupação em agir sempre de maneira ordenada, em dividir, em distinguir, em analisar e sem sistematizar, sem avançar progressivamente*¹⁴.

3.2. Metodologia de ensino e aprendizagem

O *modo parisiense* distinguia-se do *modo italicus*, originário da Universidade de Bolonha e adotado nas universidades italianas e espanholas. Privilegiavam-se o professor e o modo de exposição magistral da matéria. O aluno podia escolher sem qualquer ordem as disciplinas de sua preferência. Não havia exercícios em aula. A aprendizagem contrapunha-se ao estilo personalizado, prático e ativo de Paris¹⁵.

A metodologia do ensino na aula parisiense constava de três momentos¹⁶. Começava sempre pela *praelectio*, apresentação expositiva do professor que comentava textos dos melhores autores¹⁷. Em seguida,

-
12. A Escolástica designa, na Idade Média, um conjunto de procedimentos metodológicos de discussão e exposição aplicados às interrogações da Teologia. Ela empregava uma estrutura com raciocínios, fragmentação de textos, procedimentos de divisão, subdivisão, distinções (Sylvain Aroux, org. “Les Notions Philosophiques II”, in André Jacob, *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990).
 13. É na transferência bem sucedida, afirma Codina, *da Escolástica ao nível das Letras que reside a maior originalidade do modo parisiense, e é daí que tira toda a sua eficácia* (Codina, *Aux sources*, 149).
 14. Joaquim Ferreira Gomes, “O Modus Parisiensis como matriz da pedagogia dos jesuítas”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, n. 50 (1994): 188.
 15. Martins Lopes elenca os principais aspectos deficientes do *modus italicus*: *grande variedade de alunos, o que dificultava o professor de acompanhar o seu aproveitamento; falta de graduação das matérias; regalia dos alunos poderem influir na nomeação dos professores e na definição do programa* (José Manuel Martins Lopes, *O projecto educativo da Companhia de Jesus. Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias* (Braga: Faculdade de Filosofia, 2002), 88-89).
 16. Storck descreve a dinâmica da aula segundo o *modo parisiense* no artigo *Do Modus Parisiensis ao Ratio Studiorum*, 144-145.
 17. Depois de explicar que a preleção humanista tem a sua raiz em Quintiliano,

cabia aos alunos copiar, conservar e até memorizar as principais colocações do professor. Os comentários sobre o autor suscitavam *quaestiones*, perguntas ou interrogações, ora provocadas pelos professores, ora formuladas pelos alunos, como era comum no método escolástico¹⁸. Avançava-se, invariavelmente para um diálogo, ou debate, a *disputatio*. Embora se tratasse de um ensino de tipo magistral e transmissivo, mediante estes procedimentos a aprendizagem era privilegiada sobre o ensino, enfatizava o trabalho pessoal e garantiam-se oportunidades para os alunos construir, aprofundarem e defenderem o conhecimento próprio.

Terminado o tempo do ensino, da aula, o *modo parisiense* insistia na apropriação, na fundamentação, na criatividade e na aplicação prática do conhecimento. Para tanto, oferecia-se aos alunos uma bateria intensiva e variada de exercícios de repetição, de variação, de composição e de declamação. Essa estrutura de apoio foi a que encantou Santo Inácio e os seus primeiros companheiros, pois não a haviam encontrado nas universidades que frequentaram¹⁹.

Grande importância dava o *modo parisiense* às *disputas*, seja entre os candidatos a graus acadêmicos, seja entre os alunos nos colégios. Este exercício visava o domínio e a fundamentação do conhecimento e a capacidade e agilidade de argumentação. Por isso, o desenvolvimento deste exercício era pormenorizadamente regulamentado quanto ao conteúdo, à sequência dos passos, à data e momentos de sua realização (após as aulas e após as refeições) e até às penas para eventuais infrações do ritual. Os alunos eram divididos em times contendores

Codina defende que *Os jesuítas aperfeiçoariam o velho exercício da preleção quintiliana, tornando-a o modo essencial e o mais específico do seu ensino, a ponto de fazer-nos crer que eram eles os seus inventores* (Codina, *Aux sources*, 113).

18. Codina considera que as *quaestiones*, ao deixarem de ser exclusividade do Ensino Superior e serem aplicadas aos Colégios, tornaram-se um dos traços mais típicos do *modo parisiense* (Codina, *Aux sources*, 113).
19. *Será precisamente a frequência dos exercícios praticados em Paris em todos os níveis que em grande parte pesará na escolha dos jesuítas pelo modus parisiense* (Codina, *Aux sources*, 113).

que deviam contestar as questões formuladas pelo professor ou pelo colega adversário.

Na sua preocupação pelo domínio e a fixação do conhecimento, o *modo parisiense* estabelecia diversos momentos de repetição da matéria estudada: as *reparationes* e as *redditio*. Os alunos rendiam conta da matéria ao professor durante as aulas, após as refeições e até antes de dormir. Era comum a repetição entre os colegas, e dos alunos menores para os maiores. Aos sábados acontecia a *recapitulação* do que havia sido trabalhado na semana.

Para desenvolver a competência dos alunos em redigir com precisão e elegância, o *modo parisiense* estimulava a imitação dos melhores autores. Por isso, o recurso insistente à memorização em um grande número de exercícios e o uso de *cadernos* onde os alunos registravam ideias, palavras e trechos mais belos e edificantes. Através da *compositio e variatio* os alunos tomavam como ponto de partida frases ou excertos dos autores, a partir dos quais tratavam de compor com originalidade e criatividade o próprio texto.

A expressão oral, com atenção particular à pronúncia e à dicção corretas, era desenvolvida com exercícios de elaboração de *discursos*, de *declamações* e principalmente com as *representações teatrais*.

Codina defende que a variedade de exercícios é o que caracterizou o *modo parisiense*, cujo ensino não era a transmissão rotineira de uma tradicional bagagem de conhecimentos, mas a ativação de todas as capacidades do espírito, o meio por excelência de desenvolver e enriquecer a alma do aluno e de iniciá-lo numa atividade verdadeiramente criativa²⁰.

Integravam também a metodologia, no *modo parisiense* elementos incentivadores para a formação: a emulação, as punições, as premiações e as decúrias. A *emulação* visava estimular os alunos a se distinguirem nos exercícios acadêmicos e constituía-se num critério para compor as decúrias. Aqueles estudantes cujo desempenho melhor correspondia aos objetivos pretendidos eram elogiados e propostos como modelos para os demais. A *emulação* era incitada também pela recomendação dos

20. Codina, *Aux sources*, 131.

melhores autores, selecionados com cuidado e aprovados pelas autoridades acadêmicas.

Vigorava nas instituições educativas do século XVI um regime disciplinar extremamente exigente, cópia quase fiel da vida monástica. Regulamentos internos e um elenco de sanções corporais e pecuniárias tratavam de coibir as infrações quanto ao comportamento em geral, às exigências escolares, à frequência diária às aulas e à missa, à assistência ao sermão dominical, e ao uso do latim. Para promover a disciplina como meio pedagógico, os colégios instituíram diversos mecanismos de fiscalização e delação. Os alunos escolhiam os colegas que exerceriam durante um tempo limitado, dada a sua odiosidade, o ofício de *observatores ou exploratores*, com a incumbência de denunciar à autoridade escolar os colegas faltosos em seus deveres.

Outro incentivo pedagógico era a montagem das classes em *decúrias*, procedimento que atendia a diversos objetivos. Eram grupos de estudo nos quais os alunos mais adiantados se exercitavam na ajuda aos colegas em dificuldades. Era um elemento de corresponsabilidade disciplinar, pois como havia prazos determinados para as suas tarefas, os membros das decúrias cobravam-se mutuamente a contribuição, a correção e a pontualidade no trabalho. Os decuriões ajudavam a aliviar a preocupação do professor em atender ao mesmo tempo os aspectos acadêmicos e disciplinares de uma sala com muitos alunos.

3.3. *Atenção personalizada*

O *modo parisiense* primava pelo cuidado da pessoa. O ato da matrícula nos Colégios não era um procedimento protocolar, pois considerava indispensável a entrevista com os alunos e seus responsáveis, aos quais eram fornecidas as informações sobre o modo de proceder escolar. A correta contextualização dos alunos permitia situá-los na classe e na decúria correspondente à sua idade e capacidade intelectual, de modo a não lhes ser exigido nada aquém nem além de suas possibilidades.

O regime disciplinar, embora bastante severo, recomendava aos educadores a caridade cristã, o diálogo e a exortação antes que as punições. A própria instituição da *delação* entre os colegas, repulsiva para a mentalidade contemporânea, era de conhecimento de todos os alunos e visava o seu aprimoramento pessoal e a aquisição de hábitos saudáveis. Os elogios e condecorações em público certificavam o bom desempenho e o progresso dos alunos como inspiração para os demais.

3.4. Formação Religiosa

Quarto elemento que consideramos na ‘arquitetura’ metodológica de Paris é a formação religiosa nos seus colégios. Esta, na metade do século XVI, caracterizava-se por uma transposição quase completa da vida de estilo monacal. Sua justificativa era a consideração da educação escolar como meio para os alunos conhecerem, assimilarem e praticarem o ideal do Evangelho e se tornarem cristãos competentes, ‘letrados’. Para tanto, eram obrigatórios a assistência à missa diária e ao sermão dominical, a confissão semanal, a reza do Ofício de Nossa Senhora, diversos tipos de oração vocal, o exame de consciência e exercícios de mortificação. Entretanto, anota Codina,

não obstante as numerosas práticas religiosas habituais entre os estudantes de Paris, e malgrado os gestos inegavelmente religiosos que eles cumpriam ao longo do ano, a verdadeira formação religiosa dos Colégios parisienses na realidade permanece precária²¹.

Conforme conclui Codina, o núcleo *do modo parisiense* é a maneira como os Colégios estavam organizados, o controle dos estudantes por seus mestres, a autoridade efetiva dos prepostos, a estrutura das matérias escolares, a ordem e a progressão nos estudos²². Para ele, o verdadeiramente característico e autêntico do sistema parisiense era o *método que aí vigorava*. Este se caracterizava por *uma atividade infatigável, um*

21. Codina, *Aux sources*, 145.

22. Codina, *Aux sources*, 109.

*exercício e uma prática constante, uma espécie de incessante ginástica do espírito que mobiliza no processo educativo todos os recursos e todas as faculdades da pessoa*²³.

Os pontos mais característicos, prossegue Codina, eram a

exigência de sólidas bases gramaticais, a divisão e a gradação das classes segundo a capacidade dos alunos, a ordem e a progressão nos estudos, a assiduidade dos alunos aos cursos, a frequência dos exercícios escolares de cada curso, o número e a denominação das classes, os horários, os exames e as promoções, o controle dos alunos pelos professores, as repetições aos sábados, a forte autoridade dos superiores, a estrita regulamentação disciplinar, etc.²⁴.

4. O Modo de Paris, de Alcalá e dos Irmãos da Vida Comum

Com toda a razão a expressão corrente entre os jesuítas sobre a experiência acadêmica vivida era *modo de Paris* e não método, uma vez que ele não era inovação de alguma instituição educativa dessa cidade e tampouco era registrado como tal. Codina demonstra que o *modo de Paris* correspondia ao *ponto culminante durante a Renascença e com as modalidades próprias desse século [XVI], de um conjunto de constantes que desde muito tempo compunham e marcava de modo muito típico o ensino parisiense*²⁵.

O sistema de ensino de Paris, o *modo parisiense*, não era original da cidade. Recolhia uma longa experiência educacional, testada nos embates entre humanistas e escolásticos desde o século XV. Calcava-se nas humanidades clássicas, como fundamento para os ulteriores estudos de Artes (Filosofia) e Teologia. Codina descreve com ampla erudição os principais enfoques originários ou similares do *modo parisiense*,

23. Codina, *Aux sources*, 109.

24. Codina, *Aux sources*, 148.

25. Codina, *Aux sources*, 52.

destacando a Universidade de Alcalá de Henares e a *Fraternidade dos Irmãos da Vida Comum*.

4.1. Alcalá de Henares e os Irmãos da Vida Comum

O *modo pedagógico* de Paris já era utilizado no século XV na universidade que o cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (1436–1517), arcebispo de Toledo, havia fundado em 1499, em Alcalá de Henares. Quando Inácio de Loyola e seus companheiros estudaram nessa universidade, a partir de 1526, encontraram, pela primeira vez, a expressão *modo de Paris* como identificadora do processo educativo que iriam viver e apreciar a partir de então.

O Cardeal Cisneros estabeleceu que a configuração da sua universidade fosse à imagem da escola parisiense. Codina sustenta que não se poderia considerar Alcalá de Henares uma cópia servil de Paris, uma vez que o seu fundador recorreu a outras fontes inspiradoras, notadamente entre colégios e universidades espanholas²⁶.

Para assegurar o seu propósito quanto à universidade que criava, com muita originalidade, o Cardeal Cisneros dotou-a em 1510 de orientações precisas, consubstanciadas nas *Constituciones originales del Colegio de San Ildefonso y Universidad de Alcalá de Henares*. Alcalá constituía-se num sistema educativo, com a universidade e vários colégios ao seu redor, sendo o *Colégio de Santo Ildefonso* o núcleo, e o mais importante.

Os *Irmãos da Vida Comum* foram uma agremiação constituída nos Países Baixos em torno do movimento de renovação religiosa *Devotio Moderna*, que Gérard Groote (1340–1384), ex-aluno de Paris, pregava em meados do século XIV. A partir da primeira comunidade, estabelecida em 1391, em Deventer, foram se constituindo em diversos países da Europa casas da agremiação, muitas delas com escolas. Entre estas distinguiam-se as de Deventer e de Zwolle, ambas na atual Holanda, onde os Irmãos atuavam, embora nem sempre fossem seus proprie-

26. Codina, *Aux sources*, 24.

tários. No início os Irmãos acolhiam em suas casas alunos pobres que assistiam às aulas, tanto aí como na Escola Municipal. No entanto, a rápida irradiação desta iniciativa obrigou os Irmãos a abrirem dormitórios e pensionatos para acolher o elevado número de pretendentes²⁷.

Codina mostra como os *Irmãos da Vida Comum* haviam instaurado no final do século XIV uma nova corrente pedagógica que não tinha uma vinculação direta com o método de Paris nem com o de Bolonha, também prestigiado na época.

4.2. Configuração escolar

Codina considera que no aspecto organizacional Paris influiu no complexo educativo de Alcalá sobre diversos aspectos, mas este era uma *criação extremamente original*²⁸. A gestão da universidade e dos colégios de Alcalá diferia do centralismo preponderante em Paris, pois era exercida pelo reitor, eleito democraticamente pelos seus pares e apoiado por um conselho deliberativo. Um sistema de eleição altamente participativo nos colégios designava as pessoas responsáveis pelos diversos officios. Os alunos gozavam de muitos privilégios, como o de votar nos professores candidatos a cátedra, de controlar o seu desempenho e até de promover a sua remoção, caso não atingissem o padrão de qualidade esperado²⁹. Além disso, Alcalá seguia Paris quanto à determinação da duração dos cursos, à tipificação de alunos e à sua distribuição em classes.

A finalidade da educação dos *Irmãos da Vida Comum* era religiosa, antes que pedagógica. A maioria das suas escolas visava à formação

27. Codina, *Aux sources*, 155.

28. Codina, *Aux sources*, 25.

29. *Os estudantes de Alcalá desfrutavam de certos poderes reservados em outras universidades apenas aos mestres: preencher as cátedras, eleger os regentes e os leitores, controlar com severidade os professores. Embora os estudantes não intervissem diretamente no governo da universidade, os privilégios de que estavam munidos no plano das relações professores-alunos os tornam efetivamente em certo sentido senhores e mestres daqueles mesmos que os governam* (Codina, *Aux sources*, 27).

de sacerdotes e religiosos, mas em todas elas a instrução oferecida constituía-se em meio para os alunos apreciarem e aprenderem as virtudes, o que deveria redundar num aprimoramento dos costumes da sociedade. Concorriam para isso diversas disciplinas e práticas religiosas, de imitação monástica, como missa diária, comunhão e confissão frequentes, exame de consciência, correção fraterna, assistência ao sermão dominical. *O Reino de Deus não consiste no conhecimento e no discurso, mas no trabalho e na virtude*³⁰, justificava Jean Cele, reitor da escola de Zwolle. Codina defende que Gérard Groote teria sido não o inventor, mas um dos grandes promotores da ‘piedade ilustrada’ e que uma das principais características das escolas dos Irmãos, e novidade na época, foi haver introduzido oficialmente a instrução religiosa³¹.

A organização escolar das escolas dos Irmãos revelava semelhanças com o *modo parisiense*. Os alunos eram repartidos em classes, conforme a faixa etária e a matéria a ser estudada. Codina explica que a instituição das classes proveio do elevado número de alunos que acudiam às escolas dos Irmãos, o que tornava difícil a organização acadêmica. Por isso, *a fim de ensinar e governar toda esta multidão, Cele concebeu a solução que devia se constituir num dos principais achados pedagógicos de toda a história da educação: distribuir os alunos em oito classes distintas, cada uma com seu programa especial, seu mestre ou responsável, e seu local ou espaço no interior da escola*³².

Para ajudar no atendimento do grande número de alunos e favorecer a corresponsabilidade e a solidariedade, as classes eram organizadas em *decúrias*, embora cada uma fosse constituída por oito alunos, tendo à frente o aluno *decurião*. Havia também o procedimento de os alunos maiores serem monitores dos colegas menores, enquanto seguiam os respectivos cursos. Codina aponta que o reitor Jean Cele,

30. Codina, *Aux sources*, 164.

31. Codina, *Aux sources*, 182.

32. Codina, *Aux sources*, 161.

embora não tenha inventado o sistema de decúrias, implantou-o na Escola de Zwolle, a partir de onde se difundiu para as demais escolas³³.

Uma vez que um dos critérios para a repartição dos alunos nas classes era o nível acadêmico, os Irmãos instituíram o exame de aptidão para inseri-los na classe adequada, e os exames para mudança de etapa. Esta preocupação personalizadora evitava a inconveniência de manter os alunos na classe inferior às suas capacidades, mas permitia que em qualquer época do ano eles fossem promovidos àquela condizente com o seu nível.

Codina interpreta que a força do ensino dos *Irmãos da Vida Comum* foi a preferência por manterem uma escola em cada cidade, onde concentravam todo o programa de ensino, enquanto Paris oferecia o mesmo, mas em cada um dos seus colégios³⁴. A essa escola acorriam os alunos moradores nos dormitórios ou casas de acolhida que os Irmãos organizavam, especialmente para os mais pobres.

4.3. Método pedagógico

Alcalá se sobressaiu pela apropriação do humanismo renascentista, de espírito cristão, no século XVI. Os principais pontos de semelhança com o *método parisiense* eram a inspiração da Escolástica, a grade curricular, a diversificação de graus; o leque variado e intensivo de exercícios acadêmicos (*reparationes, quaestiones, disputationes, conclusiones*) e atos públicos; o ritual dos exames, o teatro escolar³⁵. Exigia-se solidez no estudo da Gramática, como condição para o itinerário escolar. O Latim devia ser usado em todos os momentos e recintos. Os livros de estudo eram determinados pelo reitor. O calendário era intenso, com atividades inclusive nos domingos, mas com um dia de descanso semanal. As exigências disciplinares, controladas por *annotatores*, combi-

33. Codina, *Aux sources*, 169.

34. Codina, *Aux sources*, 177.

35. Codina, *Aux sources*, 16 e ss.

navam com a mentalidade da época e eram muito inspiradas no regime monástico.

Nas escolas dos Irmãos um princípio pedagógico fundamental, semelhante ao *modo parisiense*, era o da gradualidade e da progressão dos estudos. O conhecimento devia ser construído com ordem, sem sofreguidão. Não se atropelava o processo acadêmico nem se saltavam etapas. Ninguém seguia adiante nem era promovido à classe superior antes de ter atingido os objetivos descritos para cada uma delas, especialmente uma sólida base em Gramática.

A aprendizagem se dava através da profusão, variedade e frequência de exercícios, que se assemelhavam aos de Paris. Havia *quaestiones*, que se seguiam a cada apresentação do professor; *reparationes* que repetiam as lições trabalhadas no dia; composições, declamações e *disputationes*, bastante enfatizadas. No *raparium* ou caderno, os alunos conservavam os trechos de leituras ou dos sermões na igreja que mais apreciaram. A memória era intensamente praticada, assim como a argumentação. O teatro era valorizado como recurso pedagógico e meio de diversão.

Nas escolas dos Irmãos o Latim era o idioma oficial, que deveria ser observado pelo corpo docente e pelo alunado em todos os momentos e controlado com severidade pelos alunos *annotatores* que por sua vez eram fiscalizados pelos *bedéis*. No entanto, por motivos apostólicos, para favorecer o contato dos alunos com a população, a língua vernácula era também permitida e utilizada.

A *emulação* desempenhava o seu papel de incentivo pedagógico, com a entrega mensal de prêmios para os alunos distinguidos. A disciplina, como ocorria nas instituições educativas do século XVI, era de grande severidade. Para ajudar a sua observância, eram escolhidos cada semana alunos, os *notatores*, como vigias e delatores dos colegas que infringissem o regulamento. Codina registra que Jean Cele, embora muito exigente na disciplina, a teria abrandado ao abolir a multa em dinheiro e ao diferenciar a aplicação dos castigos corporais conforme a falta e a situação da pessoa.

Da exposição de Codina sobre os *Irmãos da Vida Comum* percebe-se um elenco de pontos característicos ou inovadores. A constituição

de uma rede de internatos onde eram acolhidos os alunos carentes. A atuação diferenciada dos Irmãos, que podia ocorrer em escolas de sua propriedade ou nas de outros. A implantação de uma escola única em cada cidade. A inclusão de disciplinas do *Quadrivium*³⁶ na etapa anterior ao curso universitário. O escalonamento dos cursos. A divisão dos alunos por classes, com professor, metas progressivas e programas específicos. A constituição de decúrias nas classes. O sistema de responsabilidade dos alunos maiores como monitores dos menores. A introdução do *rapiarium* ou caderno de anotações dos alunos. O uso do idioma vernáculo, por razões apostólicas. A prática do teatro escolar. Os exames de ingresso. A premiação dos alunos. A introdução da instrução religiosa, enfatizando a virtude sobre o conhecimento.

Quanto à relação do sistema dos *Irmãos da Vida Comum* com o *modo parisiense*, Codina argumenta que terá havido uma interseção, uma influência mútua entre eles. Paris teria influenciado a escola dos Irmãos em Deventer, Liège e Zwolle. Esta última, por sua vez, teria marcado mais o *Colégio de Montaigu*. Ao concluir a sua apresentação sobre o sistema pedagógico dos Irmãos, Codina defende que eles foram inovadores pedagógicos, embora nem todos os elementos tenham sido de sua invenção. *Foram os primeiros a colocá-los em prática de uma maneira marcadamente original e a integrá-los exitosamente num sistema de educação solidamente estruturado e coerente, que devia se revelar como uma influência prodigiosa na história da pedagogia*³⁷.

A respeito da influência de Alcalá sobre o *modo parisiense*, Codina afirma que *embora fundado em princípio à maneira de Paris, Alcalá foi na realidade uma simbiose muito original entre dois sistemas de ensino, o parisiense e o espanhol de inspiração bolonhesa*³⁸. No entanto, a ordem dos

36. *Quadrivium* era um conjunto de quatro matérias dadas no curso universitário: aritmética, geometria, astronomia e música. Era precedido do *Tivium*, composto de gramática, lógica e retórica.

37. Codina, *Aux sources*, 184.

38. Codina, *Aux sources*, 48.

estudos parecia pouco exigente, sendo a principal razão para Inácio de Loyola desaconselhar o sistema de Alcalá³⁹.

5. O modo parisiense e o Colégio de Messina

A experiência universitária que Inácio e os primeiros companheiros tiveram em Alcalá, em Salamanca e em universidades italianas, os havia deixado insatisfeitos pela falta de ordem nos estudos e de exercícios, e motivou a sua ida a Paris⁴⁰. No intento de superar as graves lacunas das universidades, Inácio de Loyola escreveu em 1546 aos estudantes jesuítas de Pádua as primeiras constituições para um colégio da Ordem, onde declarava a preferência pelo *modus parisiensis*⁴¹. Fundamentavam essa opção a coerência, o rigor, a ordem, a rapidez na aprendizagem, o exercício, a disciplina e, mais que tudo, a solidez e a eficácia metodológicas⁴².

Codina mostra que os jesuítas experimentaram previa e brevemente o *modo parisiense* na Universidade de Alcalá, onde conheceram e passaram a adotar a expressão. Embora seja notável a semelhança entre os programas e o método dos primeiros colégios da Companhia de Jesus e as escolas dos Irmãos, os jesuítas se concentraram no *modo parisiense* e não nos modelos destas⁴³.

O primeiro colégio dos jesuítas pensado para alunos externos foi o Colégio de San Nicolò, erigido em 1548, em Messina, a pedido do vice-rei da Sicília, Juan de Vega, e da sociedade local. Como Superior Geral da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola *selecionou alguns dos*

39. Codina, *Aux sources*, 41.

40. *A falta de exercícios é muito grande, confessava Juan de Polanco. As aulas públicas ordinárias são tão raras que alguém avançaria muito lentamente se quisesse seguir este passo. Eu tentarei suprir a falta de exercício buscando disputar com [André Des] Freux, arguindo e respondendo continuamente* (Codina, *Aux sources*, 260).

41. Ladislaus Lukács, *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu (1540-1556)*, (Roma, Vol. I, 1965), 1-17.

42. Codina, *Aux sources*, 261.

43. Codina, *Aux sources*, 188 e ss.

*melhores talentos disponíveis em Roma, mas também parecia preocupado em escolher um grupo tão internacional quanto possível... Nunca antes tanto talento havia sido concentrado numa só aventura, comenta O'Malley*⁴⁴. O grupo inaugural era constituído de dez jesuítas, sendo seis estudantes e quatro sacerdotes, entre eles Pedro Canísio e Jerônimo Nadal, escolhido superior. O envio de um grupo numeroso e qualificado ao Colégio de Messina demonstrava o intuito de Inácio de torná-lo ponto de referência mundial e marco apostólico estratégico. Por isso, também, a adoção do *modus parisiensis*, que o reitor Nadal fez questão de deixar explícito no folheto em que apresentava o colégio aos sicilianos⁴⁵. Esse documento constitui-se no primeiro projeto educativo da Companhia.

A finalidade de Messina e dos colégios jesuítas era aplicar o consagrado binômio 'virtude e letras', ou letras e boas maneiras. Nadal confessava que *as lições e exercícios escolares são para nós como uma espécie de gancho para pescar as almas*⁴⁶. Por isso, a Teologia era a matéria mais importante, o cume da grade curricular. A formação religiosa era sistemática e, segundo Codina, ultrapassava em muito ao *modo parisiense, com um estilo totalmente novo, contraste com a rotina tradicional que se via reinar em Paris*⁴⁷.

Contrariamente ao costume de outros lugares, o Colégio de Messina não era internato nem seminário, embora tivesse em vista a formação do clero. Era gratuito, conforme preconizam as Constituições da Ordem⁴⁸.

44. John O'Malley, *Os primeiros jesuítas* (São Leopoldo: UNISINOS-EDUSC, 2002), 319.

45. *E nas três classes, além das lições, far-se-ão, ordinariamente, repetições, questionamentos, concertações, composições, declamações e outros exercícios semelhantes, convenientes a cada um, observando o modo e ordem que se usa em Paris, por ser o melhor que se possa ter para fácil e perfeitamente tornar-se douto na língua latina*, Jerônimo Nadal. "Libellus quo initia scholarum collegii messanensis Urbi nota redduntur", em Lukács, *Monumenta Paedagogica*, 383-386.

46. Codina, *Aux sources*, 282.

47. Codina, *Aux sources*, 331.

48. *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares* (São Paulo: Loyola,

Na organização acadêmica as disciplinas em Messina eram Latim, Grego e Hebraico (era um colégio trilingue), Dialética, Ética, Teologia Escolástica e Casos de Consciência de moral. Nesse colégio é que os jesuítas começaram a introduzir matérias ditas profanas, mas tendo como referência as matérias sagradas, a piedade e a Teologia.

A metodologia das aulas em Messina incluía variantes existentes em outros lugares: *praelectio, repetitio, disputatio, contentio, variatio*. O elenco de exercícios prescritos contemplava repetições, questionamentos, recitações, composições, declamações. Insistia-se nos exercícios de memória e no registro em cadernos do que havia sido estudado. *Tudo [a organização acadêmica] explicava Nadal, será conforme a maneira de Paris, que entre todas as outras é considerada a mais exata e a mais útil*⁴⁹.

Os alunos eram distribuídos em classes, como em Paris, com um professor e programa próprios, que não permitiam a ninguém avançar para a etapa seguinte sem dominar suficientemente Gramática e Latim. Codina questiona por que Messina não mencionava as *decúrias* em sua organização escolar, suspeitando que elas deveriam existir, com outro nome, porque Nadal referiu-se a elas ao escrever as *Regras das Escolas*, em 1552⁵⁰.

Assim como no *modo parisiense* e nas escolas dos *Irmãos da Vida Comum*, a *emulação* era intensamente proposta, sobretudo através da regulamentação das disputas que colocava como adversários alunos com igual nível acadêmico. Messina não costumava premiar os alunos, mas distinguia publicamente os melhores, sobretudo na sessão inaugural do ano acadêmico, onde estes divulgavam publicamente a sua produção intelectual.

Quanto à gestão do colégio, diversamente de outros lugares, o reitor não era eleito, mas nomeado pelo Superior Geral Jesuíta. Tinha plena autoridade para dirigir a instituição, sem qualquer ingerência de elementos externos. Tal opção, como explica Codina, inviabilizou o

2004), n. 398.

49. Codina, *Aux sources*, 266.

50. Codina, *Aux sources*, 278.

estabelecimento de uma universidade em Messina, pois as autoridades locais não se conformavam que a sua direção estivesse apenas em mãos dos jesuítas⁵¹.

Codina estranha que Messina só mencionasse os exames de suficiência, no ato da matrícula, mas não os exames transição de uma etapa para a outra. No entanto, ele admite que a divisão dos alunos em classes teria deixado subentender a existência de algum mecanismo de aferição do seu nível acadêmico⁵².

O regulamento de Messina manifestava, em diversos pontos, a *cura personalis*, o cuidado da pessoa. Para tanto, os educadores deviam ser eminentes no saber e na virtude, escolhidos com critério, observantes das normas comportamentais estabelecidas. Os educadores e os alunos incumbidos da fiscalização dos colegas deviam informar semanalmente o reitor sobre o comportamento dos alunos, sobretudo a falta de assiduidade aos atos obrigatórios. O que justificava a delação era a presunção de que o aluno estivesse tão desejoso de se aprimorar intelectual e moralmente que aceitaria, de bom grado, que seus defeitos ou infrações fossem comunicados à autoridade maior, em vista da correção. Esta era sempre feita com argumentos de positividade e incentivo, com fundamentação espiritual.

Quanto ao regime disciplinar em Messina, os jesuítas questionaram-se fortemente sobre o recurso a castigos corporais e o modo de aplicá-los. Desde Roma Inácio de Loyola, como Superior Geral, estabeleceu que o *corretor não poderia ser um jesuíta. Deveria ser contratado um externo com a incumbência de aplicar os castigos corporais*⁵³.

A exemplo de Paris, o horário escolar em Messina consistia em três horas e meia de estudo antes e após o almoço, não exclusivamente em sala de aula, pois era aplicado um amplo leque de exercícios. Não havia um tempo estipulado para o recreio.

51. Codina, *Aux sources*, 274.

52. Codina, *Aux sources*, 321.

53. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 488.

O calendário contava, como no *modo parisiense*, com atividades escolares todos os dias, incluindo os domingos, mas previa uma interrupção às quintas-feiras à tarde e nos dias de festas religiosas. O período de férias era muito abreviado, para evitar a ociosidade dos alunos.

Uma das originalidades de Messina era o uso do *livro de matrícula*, que registrava os alunos do colégio. Nessa ocasião, informava-se cada um a respeito das normas de comportamento, de modo especial sobre a figura do colega *síndico* (ou *apontador, observador*) e os castigos corporais. Em seguida o candidato era convidado a fazer um juramento de observância.

Farrell resume os principais pontos do plano do Colégio de Messina: 1) Três classes de Gramática, seguidas pelas de Humanidades e Retórica, cada qual com o seu professor; 2) Meta das classes inferiores: forte embasamento em Gramática; 3) A meta inclui: escrever e falar o Latim; 4) Classe específica para o Grego, com meta igual à do Latim; 5) Os exercícios escolares consistiam em a) *exercitatio*, diariamente no final da manhã; b) *repetições* semanais em forma de disputas; c) *composições* escritas; d) *disputas públicas* uma ou duas vezes por ano; 6) Exercícios de piedade: a) missa diária; b) catecismo às sextas-feiras; c) confissão mensal; d) exame de consciência diário; e) sermão aos domingos; f) orações privadas e públicas na sala de aula; 7) 6 horas diárias de aula; 8) Divisão das classes numerosas em seções, cada uma com seu professor; 9) Gratuidade dos estudos e 10) Sessão inaugural do ano acadêmico, a *Instauratio Studiorum*, com apresentações de alunos e professores⁵⁴.

A experiência bem sucedida e conceituada do Colégio San Nicolò em Messina despertou prontamente o reconhecimento dos habitantes de Sicília, repercutiu na transformação dos seus costumes, atraiu a afluência de grande número de alunos, extrapolou para várias partes do mundo. Santo Inácio propôs esse projeto pedagógico como marco de referência para todos os colégios que a Companhia de Jesus ia constituindo com rapidez, em diversos países. O modelo messi-

54. Allan Farrel, *The Jesuit code of liberal education* (Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1938): 42-43.

nense foi adotado pelo Colégio Romano, instituído por Santo Inácio em 1551, com o sonho de ser a instituição educativa modelar para a Companhia. Paulatinamente, como afirma Codina, o método romano foi se tornando a referência mais mencionada que o método originário.

Codina concluiu o seu livro propondo o primeiro reitor do Colégio de Messina, Pe. Jerônimo Nadal, como o fundador da pedagogia dos jesuítas, *pois foi ele que, tendo se inspirado no modo parisiense, estabeleceu as bases sobre as quais deveria repousar todo o edifício escolar da Companhia de Jesus*⁵⁵.

6. De Paris, Alcalá, Messina aos nossos dias

Uma vez percorrido o breve levantamento dos pontos que chegaram a configurar o *modo pedagógico de Paris*, é importante considerar que com o passar dos tempos este não esgotou a sua influência, mas continua a exercê-la, como se depreende pela breve análise de alguns principais documentos norteadores do apostolado educativo da Companhia.

Esta parte do trabalho propõe-se destacar os elementos do *modo de Paris* presentes nos *Exercícios Espirituais*, na *Parte IV* das Constituições dos Jesuítas, referente à missão educativa, na *Ratio Studiorum* e nas recentes orientações pedagógicas da Companhia: *Nossos Colégios hoje e amanhã*, *Características da educação da Companhia de Jesus* e *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*.

A primeira e mais inspiradora fonte para a pedagogia jesuítica e que recebeu forte influência do *modo parisiense* são os *Exercícios Espirituais*. Trata-se da experiência espiritual que Inácio de Loyola foi realizando e anotando sozinho desde a convalescença em Loyola, e o retiro em Manresa, que depois consubstanciou no pequeno livro com esse nome. Este foi aprovado pelo Papa Paulo III em 1548 e proposto às pessoas desejosas de um caminho seguro para a reforma da

55. Codina, *Aux sources*, 348.

vida a partir da observância do Evangelho. Não é um livro de leitura espiritual, mas um manual descritivo da finalidade, da estrutura e do funcionamento de um modo de proceder que visa a conversão de mentalidade, de afeto e de atitudes das pessoas⁵⁶.

Eleito por seus companheiros como superior geral da nova Ordem, em 1541, Inácio de Loyola foi incumbido de redigir as Constituições, seu texto legislativo máximo. A tarefa começou em 1547 e terminou com a aprovação, em 1551, pela primeira reunião geral da Companhia. As Constituições estão profundamente marcadas pelos Exercícios. A *Parte IV*, a mais longa, com 17 capítulos, trata da educação e das instituições educativas⁵⁷.

A *Ratio Studiorum* é o primeiro documento normativo da educação jesuíta em âmbito mundial. Foi promulgada em 1599, depois de duas versões preliminares, em 1586 e 1591. Compõe-se de 30 conjuntos de regras, frequentemente cada uma com mais de uma prescrição, chegando a cerca de 600. Não é um tratado de pedagogia e sim um conjunto de normas, com a inspiração de Paris, para o funcionamento dos colégios e universidades dos jesuítas.

Nossos colégios hoje e amanhã foi a alocução dirigida pelo então Superior Geral, Pe. Pedro Arrupe, dia 13 de setembro de 1980, na Cúria Geral, em Roma, a um grupo de jesuítas e um leigo, coordenadores do Ensino Médio (pré-universitário) da Companhia de Jesus. Naquele período pós-conciliar alguns meios religiosos questionavam a eficácia e a pertinência do apostolado educativo em colégios. No discurso Arrupe frisou com tamanha clareza e novidade os elementos configuradores da nova visão dos colégios jesuítas nos tempos atuais que pode ser considerado o seu refundador⁵⁸.

À alocução de Arrupe seguiu-se a criação de uma comissão internacional de jesuítas para elaborar uma declaração atualizada sobre

56. Santo Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais* (São Paulo: Loyola, 2000).

57. *Constituições da Companhia de Jesus*, nn. 307-509.

58. Pedro Arrupe, “Nossos colégios hoje e amanhã”, em Luiz Fernando Klein (Org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana* (São Paulo: Loyola, 2015).

a natureza, os princípios e os elementos fundamentais da educação jesuíta. O trabalho daí resultante foi o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, promulgado pelo seguinte Superior Geral, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, a 8 de dezembro de 1986⁵⁹. Este pode ser considerado a atual formulação da pedagogia dos jesuítas.

O documento *Características* foi difundido em 13 idiomas, tendo granjeado um apreço generalizado dos educadores, os quais solicitaram ao Pe. Geral a indicação de um modo prático de aplicar os princípios aí descritos. Nova comissão se estabeleceu, tendo produzido o documento *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*, que o mesmo Pe. Kolvenbach promulgou dia 31 de julho de 1993⁶⁰.

Há quatro influências do *modo parisiense* que podemos considerar nos principais documentos da Companhia de Jesus: a finalidade de educação, o empenho pela organização, a metodologia ativa e o cuidado da pessoa.

6.1. Finalidade da educação

O empenho do Cardeal Cisneros na Universidade de Alcalá, dos Irmãos da Vida Comum, do *modo parisiense* e do Colégio de Messina sempre foi o de realizar uma educação marcada pelo vigor intelectual, pela transcendência e a *espiritualidade*. Desde o *modo de Paris* é claro o esforço por conjugar a educação acadêmica com o desenvolvimento moral e religioso, conforme o binômio que teve várias formulações, como virtude e letras, piedade e ciência, etc.

Esta preocupação não aparece de modo explícito nos *Exercícios Espirituais*, mas a finalidade destes pretende ajudar cada um a *vencer a si mesmo e ordenar a própria vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada*⁶¹. Ou seja, os Exercícios não pretendem formar o homem

59. “Características da Educação”, in Klein, *Educação Jesuíta*.

60. “Pedagogia Inaciana”, in Klein, *Educação Jesuíta*.

61. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 21.

orante ou piedoso, mas o homem integrado, lúcido e comprometido, finalidade que é a mesma das instituições educativas.

Na *Parte IV* das Constituições Inácio dá por suposto que os jesuítas saibam a finalidade do apostolado educativo, por isso se refere apenas uma vez ao motivo para a Companhia encarregar-se de colégios: *admitir jovens que, pela sua vida edificante e pelos seus talentos, deem esperança de vir a ser homens, ao mesmo tempo virtuosos e sábios para cultivar a vinha de Cristo Nosso Senhor*⁶².

Ao apresentar os elementos configuradores dos colégios jesuítas na contemporaneidade, Arrupe sublinha o caráter de instrumento apostólico, que realiza uma parte da missão que compete à Igreja Católica:

A ideia radical de que partem todas as minhas considerações é esta, diz ele, o colégio é um grande instrumento de apostolado que a Companhia confia a uma comunidade ou a um grupo definido de homens dentro de uma comunidade com um fim que não ser senão apostólico. Esta entrega, a tais homens e para tal fim, é um autêntico ato de ‘missão’. O colégio é o principal meio de apostolado para esta comunidade⁶³.

Arrupe dirimiu qualquer dúvida a respeito do aluno que se pretende formar ao definir que este não pode ser um *monstro acadêmico, desumanizado e introvertido*; e tampouco um *devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração*⁶⁴. O aluno que se beneficiou da educação jesuíta deve ser, na expressão que Arrupe cunhou e se tornou um mote: *homem para os demais*, sobretudo os mais necessitados. Para tanto, deve ser virtuoso e competente. Virtuoso para compadecer-se das misérias alheias e competente para ajudá-las.

O documento *Características* deixa muito claro que *a finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas, ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para futuros líderes cristãos*. Pelo contrário,

62. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 307.

63. Arrupe, “Nossos colégios”, n. 4, in Klein, *Educação Jesuíta*.

64. Arrupe, “Nossos colégios”, n. 14, in Klein, *Educação Jesuíta*.

*o fim último da educação da Companhia é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação – uma ação que é animada pelo espírito e pela presença de Jesus Cristo, o homem para os outros*⁶⁵.

A conjugação entre virtude e ciência é favorecida pelas cinco dimensões do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Mediante a *contextualização* o educando reconhece o seu potencial, pela *experiência* identifica como ressoa o seu mundo interior na tarefa de construção do conhecimento. A *reflexão* leva o aluno a perguntar pelo significado e as implicações do seu estudo. Pela *ação*, o educando aplica o conhecimento na transformação própria e da realidade e, finalmente, *avalia* o empenho investido e o produto alcançado.

No entanto, a atual formulação da Pedagogia Inaciana amplia o binômio *virtude e letras* para o quadrinômio dos chamados 4 Cs. Conforme a declaração do Pe. Kolvenbach, *pretendemos formar líderes no serviço e imitação de Jesus Cristo, homens e mulheres competentes, conscientes, e comprometidos na compaixão*⁶⁶. O próprio Kolvenbach justifica: *se [o aluno] não for instruído não estará em condições de ajudar o próximo como poderia; se não for bom não quererá ajudá-lo, ou ao menos não poderá fazê-lo de modo eficaz*⁶⁷.

6.2. O empenho pela organização

Bem experimentados na organização do *modo parisiense*, Inácio e seus seguidores sempre se esforçaram por aplicá-la em sua vida e trabalho apostólico. O horizonte desse empenho é o ‘magis’, a busca do melhor serviço a ser oferecido a Deus como contrapartida do seu amor⁶⁸. Há um número significativo de cartas, regulamentos de Santo

65. “Características da Educação”, n. 167, in Klein, *Educação Jesuíta*.

66. “Pedagogia Inaciana”, n. 13 e 120, in Klein, *Educação Jesuíta*.

67. Peter-Hans Kolvenbach, “Discurso en la apertura del Congreso de estudios internacionales sobre la Pedagogía Ignaciana” (Messina: 14/11/1991). Em: *El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la Educación 1983-2007* (Bogotá: ACODESI, Col. Aportes 10, 2009), 389-402.

68. ‘Magis’ tem a ver com excelência, *decorre de um conceito muito caro a Inácio de*

Inácio e dos primeiros jesuítas, entre si e com autoridades externas à Companhia, onde eles fazem questão de deixar definidos, por exemplo, os critérios para aceitar a direção de colégios e as orientações sobre o modo de levá-los adiante⁶⁹.

Nos *Exercícios Espirituais* Inácio demonstra o cuidado para que o orientador, outrora denominado ‘pregador de retiros’, e o exercitante, eram ajudados por meio de explicações e orientações em cada etapa do percurso. O pequeno livro começa com um conjunto de 20 *Anotações para se adquirir alguma compreensão dos Exercícios Espirituais e para ajudar tanto quem dá como quem os recebe*⁷⁰. O exercitante ainda é particularmente apoiado com 10 *Adições para melhor fazer os exercícios e para melhor achar o que deseja*⁷¹.

Embora o *modo parisiense* não seja nunca mencionado no conjunto do livro dos *Exercícios*, veem-se claramente os seus indícios quanto à definição, à finalidade e ao modo de realizar os diversos procedimentos para a oração. Na sequência do livro Inácio orienta quanto às modalidades de exame de consciência: particular, cotidiano e geral. Apresenta considerações para o exercitante proceder a uma correta ‘eleição’ ou reforma do estado de vida. Além disso, Inácio apresenta quatro conjuntos de regras: 1) *Para ordenar-se no comer*, cuja aplicação poderia estender-se a diversas situações da vida cotidiana; 2) *Discernimento dos espíritos*, 3) *Para distribuir esmolas* e 4) *Para sentir com a Igreja*.

Na *Parte IV* subjaz a preocupação organizacional de Paris quando são normatizados a aceitação, o fechamento, a alienação e o governo dos colégios e universidades e se estabelecem o número e a duração dos cursos e dos graus universitários. Cuidadosa do correto funcionamento

Loyola, a melhor resposta que o ser humano sente estimulado a dar ao amor gratuito proposto por Deus. O magis será traduzido em toda busca de coerência, enriquecimento e eficácia no trabalho educativo (Luiz Fernando Klein, *Atualidade da Pedagogia Jesuítica* (São Paulo: Loyola, 1997), in: *Centro Virtual de Pedagogia Inaciana*, consultado em 4 de dezembro de 2016, <<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1580>>).

69. Lukács, *Monumenta Paedagogica*.

70. Loyola, *Exercícios Espirituais*, nn. 1-20.

71. Loyola, *Exercícios Espirituais*, nn. 73-90.

das instituições, a *Parte IV* estabelece que o reitor, nos colégios e nas universidades, disponha de um grupo razoável de oficiais competentes (Capítulos XI e XVII), cujas funções estejam tão claras e permitam a alguém de se ocupar diligentemente das respectivas atribuições sem se intrometer no ofício do outro⁷².

É na *Ratio Studiorum* onde há maior número de traços do modo pedagógico de Paris. Este documento é um minucioso manual de funções, com a indicação da responsabilidade, do desempenho, da subordinação e do relacionamento do pessoal dirigente (provincial, reitor, prefeito de estudos inferiores, prefeito de estudos superiores e prefeito da academia); dos professores (há 14 categorias, conforme os cursos e as disciplinas) e dos alunos. É também um manual de organização e administração escolar, com determinações sobre grade curricular, carga horária das disciplinas, programação, textos de estudo, metodologia de ensino e aprendizagem, avaliação e premiação dos alunos; funcionamento das academias e atividades extraclasse; disciplina de professores e alunos⁷³.

Nos documentos educativos recentes da Companhia o zelo organizacional está patente na descrição da identidade e natureza do apostolado educativo, de modo a não deixar margem a dúvidas. Na alocução *Nossos colégios hoje e amanhã*, o Pe. Arrupe apontava os critérios preliminares para a existência ou não de um centro educativo confiado aos jesuítas. A escolha do centro deveria proceder de um discernimento. A educação oferecida deveria visar a todos, sem discriminação econômica. A educação jesuítica teria que se distinguir pela excelência e tornar visível o seu diferencial, a *inacianidade*⁷⁴.

No documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, a 8ª Seção trata de aspectos organizacionais dos centros educativos⁷⁵. Considera, a exemplo de Arrupe, a instituição educativa como

72. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 428.

73. Klein, *Atualidade da Pedagogia Jesuíta*, 35.

74. Arrupe, “Nossos colégios”, nn. 5-10, in Klein, *Educação Jesuíta*.

75. “Características da Educação”, nn. 116-142, in Klein, *Educação Jesuíta*.

Comunidade Educativa⁷⁶. Esta é integrada por seis segmentos – jesuítas, pessoal docente e administrativo, alunos, pais de alunos, antigos alunos e benfeitores – chamados a viver num clima de harmonia e colaboração mútua, para assumirem responsabilidades apropriadas segundo papeis definidos.

Há quatro aspectos inovadores que o documento *Características* traz quanto à organização. O primeiro é o cargo de diretor, que não precisa ser assumido exclusivamente por um jesuíta, podendo sê-lo também por um secular, disposto a comungar da visão comum e dos objetivos pretendidos e empenhado em ser um líder apostólico. O segundo elemento é a corresponsabilidade entre os membros da Comunidade Educativa, que colaboram através de conselhos ou comissões diretivas. Em terceiro lugar, o próprio enfoque da estrutura organizacional que não visa apenas uma eficácia pragmática, mas procura assegurar os direitos de todos os integrantes da Comunidade Educativa, e tornar-se *um reflexo da nova sociedade que o colégio, por meio da educação, está tentando construir*⁷⁷. Último aspecto organizacional inovador é o estímulo para os colégios jesuítas se constituírem em rede, sistema, sinergia, com visão e metas comuns, para realizarem um intercâmbio permanente de ideias, de experiências, de educadores e de alunos⁷⁸. Esta recomendação se inspirou, provavelmente, no complexo de instituições educativas que Inácio e os companheiros encontraram em Alcalá, nas Escolas dos Irmãos e em Paris.

6.3. A metodologia ativa

Um dos aspectos mais atraentes do *modo parisiense* foi a metodologia ativa, participativa, colaborativa por parte dos alunos. Esta os levava a construir, através de vários modos, o próprio conhecimento, a

76. Arrupe, “Nossos colégios”, nn. 15–24, in Klein, *Educação Jesuíta*.

77. “Características da Educação”, n. 142, in: Klein, *Educação Jesuíta*.

78. “Características da Educação”, n. 148–151, in: Klein, *Educação Jesuíta*.

aprofundá-lo, a referi-lo a outras realidades e a aplicá-lo na vida pessoal e da sociedade.

6.3.1. *A preocupação com a aprendizagem*

A metodologia ativa é notória na dinâmica dos *Exercícios Espirituais*. O estilo pedagógico de Paris influenciou Inácio de Loyola de modo geral quanto a cinco elementos: 1) o envolvimento ativo do aluno, 2) a abundância e variedade de exercícios, 3) a flexibilidade e a adaptação à situação da pessoa, 4) a progressão do trabalho pessoal, 5) a profundidade e o domínio do aprendido.

Interrogado sobre como definiria os *Exercícios Espirituais*, Inácio recorreu à metáfora da ginástica corporal para ressaltar o enfoque ativo da experiência: *Assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, chamam-se exercícios espirituais diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas*⁷⁹. Por conseguinte, convém que o orientador, ou o professor, fale pouco, apenas sugira os pontos para meditação e estudo (*preleção*), motive o aprendiz a colocar em ação as suas faculdades e a ir construindo por si próprio o conhecimento desejado. Para isso, assim como Paris, Inácio propõe uma variedade de exercícios: meditação, contemplação, aplicação de sentidos, repetição, consideração, revisão, reflexão, celebração, exames. Resultado do envolvimento pessoal do exercitante, enfatizava Inácio na 2ª. Anotação, é que ele *tem maior gosto e fruto espiritual do que se quem dá os exercícios explicasse e ampliasse muito o sentido da história*⁸⁰.

Um dia de experiência dos *Exercícios* é constituído por uma sequência de sete momentos didáticos, articulados entre si: 1) Apresentação do orientador dos ‘pontos’ ou da matéria para a oração do exercitante; 2) Oração preparatória do exercitante; 3) Composição de lugar, com a imaginação, sobre o assunto a ser contemplado; 4) Petição a Deus da graça para o fruto a alcançar no período da oração;

79. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 1.

80. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 2.

5) Oração propriamente dita, pelo desenvolvimento dos ‘pontos’ oferecidos pelo orientador; 6) Colóquio do exercitante com Deus, para concluir a oração e 7) Revisão do período da oração⁸¹.

Uma vez que o exercitante é o ginasta dos *Exercícios*, Inácio envida todos os esforços para ajudá-lo a manter-se empenhado por colher os frutos que deseja. Por isso, além de um roteiro didático para cada oração, Inácio lhe sugere uma ‘ecologia orante’: retiro das ocupações ordinárias, silêncio, concentração dos pensamentos conforme o tema da oração, posição corporal no início e durante a oração, luminosidade do lugar onde reza, duração do sono, controle alimentar, prática de penitências, firmeza para não abreviar o tempo determinado para a oração.

Contudo, em meio a tantas e minuciosas notas metodológicas, Inácio aplica o princípio da flexibilidade e adaptação, em respeito à situação de cada pessoa, à sua capacidade intelectual, ao grau de generosidade e ao elã espiritual⁸². Diz a 18^a Anotação que *os exercícios espirituais devem ser adaptados à disposição das pessoas que desejam fazê-los. Isto é, conforme a sua idade, instrução ou talento. Não se deem a quem é rude ou de pouca resistência coisas que não possa levar sem fadiga e delas tirar proveito. Do mesmo modo, dar-se-á a cada um segundo queira se dispor, para que mais se possa ajudar e aproveitar*⁸³.

Outro elemento de Paris presente na metodologia dos *Exercícios* é a articulação e progressão do trabalho. O orientador é recomendado a inquirir com cuidado o exercitante, se ele recebeu a graça e colheu o

81. Martins Lopes mostra que *Inácio, desde os primórdios da sua conversão, entrou em contato com a ‘Devotio Moderna’ e a apreciou nalguns dos seus elementos, que acolheu... O sentido do exercício, a oração mental metódica e organizada ao longo do dia, o exame de consciência e a contemplação da vida do Senhor, foram elementos da Devotio Moderna, que entraram nos Exercícios Espirituais* (Martins Lopes, *O projecto educativo*, 86).

82. *Porque, na primeira semana, alguns são mais lentos para encontrar o que buscam, isto é, contrição, dor e lágrimas por seus pecados. Assim também, alguns são mais diligentes que outros, mais agitados ou provados por diversos espíritos. Torna-se, portanto, necessário, algumas vezes, abreviar a semana, outras vezes alongá-la* (Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 4).

83. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 18.

fruto do exercício ou da etapa que está realizando, caso contrário recomenda-lhe não avançar e fazer alguma repetição do exercício realizado. Tornou-se proverbial o refrão inaciano de que *não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente*⁸⁴.

A profundidade e o domínio do que se aprende, que eram estimulados em Paris pela variedade e abundância de exercícios, estão presentes nos *Exercícios*, como mostra o conjunto de *Adições* para o exercitante. Desejoso de que este tire o maior proveito da experiência à qual se dedica, Inácio não lhe poupa várias recomendações. O exercitante não ceda à distração sobre o tema proposto para a oração. Busque o lugar e a posição corporal que mais favoreçam o encontro com Deus. Reveja pormenorizadamente cada passo da oração realizada, para reforçar os aspectos positivos e corrigir-se futuramente dos negativos. Mude o regime de comer, dormir e fazer penitência para alcançar com mais facilidade o fruto desejado. Diz a 11ª *Anotação*: *Ao que se exercita na primeira semana aproveita nada saber do que fará na segunda. De tal modo trabalhe na primeira semana, para alcançar o que busca, como se na segunda nada de bom pudesse encontrar*⁸⁵.

Inspirado pelo *modo parisiense*, Inácio, na *Parte IV* das *Constituições* tratou da metodologia do ensino e aprendizagem, de modo minucioso, o que comprova a sua preocupação por assegurar a uniformidade de procedimentos em vista da consecução dos objetivos.

Está presente em diversos itens da *Parte IV* o princípio da flexibilidade que leva em conta as circunstâncias dos tempos, lugares e pessoas. Dizem as *Constituições* que, *consoante a idade, o talento, as tendências e os conhecimentos básicos que possui, ou o bem que se espera, poderá cada qual aplicar-se a todas essas matérias, ou a uma só, ou a algumas delas*⁸⁶.

O método de ensino e aprendizagem deve levar o aluno a dominar o conhecimento construído, a ponto de saber aplicá-lo em determinadas situações, com autoridade e profundidade. Não há lugar para

84. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 2.

85. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 11.

86. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 351 e 354.

mediocridade, superficialidade ou inconsistências, como tampouco o havia em Paris. Para os alunos progredirem nos estudos, Inácio chega a alertá-los quanto aos obstáculos que possam se interpor, como demasiadas devoções e mortificações, cuidados e trabalhos exteriores, conversas e ocupações com o próximo. *De tudo isso, conclui, quando for possível, abster-se-ão em Nosso Senhor*⁸⁷.

A *Ratio Studiorum*⁸⁸ apresenta três modalidades de currículo: teológico, com quatro anos de duração; filosófico, com três anos, e humanista, que podia durar de seis a sete anos. Este corresponderia ao curso anterior ao Ensino Superior. A exemplo de Paris, a *Ratio* enfatiza a originalidade, a correção e a beleza da composição oral e escrita. Busca os autores clássicos mais edificantes, que são estudados mediante as línguas dominantes no curso: o Latim e o Grego. Os métodos de ensino e aprendizagem da *Ratio* são bastante pormenorizados, com variedade e abundância de exercícios para o aluno construir o conhecimento, apropriar-se dele em profundidade e saber transferi-lo para as situações da vida. A aula assemelha-se a uma oficina de trabalho, onde os ‘operários’ estão entretidos em seus afazeres, ora sozinhos, ora ajudando-se mutuamente, ora ainda recorrendo ao mestre.

São sete os momentos didáticos da *Ratio*, nos quais se pode notar a inspiração dos *Exercícios Espirituais* e muitas vezes do *modo parisiense*. São eles: 1) Preleção do professor⁸⁹; 2) Estudo privado do aluno⁹⁰,

87. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 362.

88. A descrição dos principais aspectos metodológicos da *Ratio* segue Klein, *Atualidade da Pedagogia Inaciana*, 34 e ss.

89. *Regras comuns aos professores das classes inferiores*, n. 27-29; *Regras para o professor de Retórica*, n. 6-15, in Margarida Miranda, *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]* (Lisboa: Esfera do Caos, 2009).

90. *Regras para o prefeito de estudos inferiores*, n. 30; *Regras para os escolásticos jesuítas*, nn. 10 e 11 (Miranda, *Código Pedagógico*).

com trabalhos escritos⁹¹ e pesquisa⁹²; 3) Exercícios de memória⁹³; 4) Repetições⁹⁴; 5) Trabalhos grupais: desafios⁹⁵, disputas⁹⁶, heterocorreções⁹⁷, academias⁹⁸; 6) Declamações⁹⁹, lições públicas¹⁰⁰, representação¹⁰¹ e exposições de trabalhos¹⁰²; 7) Provas¹⁰³ e exames¹⁰⁴.

Terminada a preleção do professor, o aluno dedica-se a trabalhos de composição oral e escrita, para desenvolver a própria expressão e demonstrar criatividade e profundidade sobre o tema de estudo. Há exercícios de memória, de declamações, de representações, de teatro e de frequentes repetições. Durante todo o processo de aprendizagem a *Ratio* insiste nas correções dos exercícios e nas avaliações.

Nos documentos basilares da pedagogia e da didática jesuíticas – *Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana*.

-
91. *Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 20; Regras para o professor de Casos de Consciência, n. 8; Regras para o professor de Retórica, n. 5* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 92. *Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores, n. 10* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 93. *Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 19; Regras para o professor de Retórica, n. 3* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 94. *Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores, nn. 11-13; Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 25* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 95. *Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 31* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 96. *Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores, n. 14-18* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 97. *Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 22-23* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 98. *Regras para o prefeito da academia; Regras para a academia de teólogos e filósofos; Regras para o prefeito da academia de teólogos e filósofos; Regras da academia de retóricos e humanistas e Regras para a academia de gramáticos* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 99. *Regras comuns aos professores das classes inferiores, n. 33* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 100. *Regras para o professor de Sagrada Escritura, n. 20; Regras para o professor de Retórica, n. 19* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 101. *Regras para o professor de Retórica, n. 19* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 102. *Regras para o reitor, n. 11; Regras para o professor de Retórica, n. 18; Regras para o professor de Humanidades, n. 10* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 103. *Normas para o exame [escrito]* (Miranda, *Código Pedagógico*).
 104. *Regras para o prefeito de estudos inferiores, n. 14 e 21* (Miranda, *Código Pedagógico*).

Uma proposta prática – o *modo parisiense* não é referido como fonte inspiradora, mas a sua presença é manifesta.

Características proclama que o crescimento e a maturidade do educando dependem da participação ativa, mais que de uma recepção passiva, o que implica *estudo pessoal, oportunidades para a descoberta, a criatividade pessoal e uma atitude de reflexão*¹⁰⁵. Por conseguinte, o processo educativo reconhece as etapas evolutivas da pessoa e implementa um currículo focado no aluno, a ser desenvolvido num ritmo adequado às características e potencialidades de cada um¹⁰⁶.

Por sua vez, o documento *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*, recolhendo a inspiração do *modo parisiense*, apresenta alguns aspectos sobre o ensino e a aprendizagem, que constituem a didática jesuítica para os tempos atuais. *O que parece importante e de acordo com a tradição da Companhia, justificam as Notas Introdutórias, é dispor de uma pedagogia sistematicamente organizada, cuja substância e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas*¹⁰⁷.

O novo modo pedagógico é o *Paradigma Pedagógico Inaciano*, o PPI, composto de cinco elementos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação. São dimensões, não são passos lineares, que se sucedem de modo cronológico. Bastero e La Puente entendem os elementos do PPI *como um conjunto de vivências que ocorrem em quem aprende e que influem em suas decisões*¹⁰⁸.

O PPI visa estimular o participante de qualquer processo educativo, formal ou não formal, institucionalizado ou não, a exercer o seu primado, a sua personalidade e criatividade na construção do conhecimento, segundo valores estabelecidos.

105. “Características da Educação”, n. 45, in Klein, *Educação Jesuíta*.

106. O documento *Características* traz, ao final, alguns princípios metodológicos inspirados no *modo parisiense*, nos *Exercícios* e na *Ratio Studiorum* (“Características da Educação”, n. 154-163, in Klein, *Educação Jesuíta*).

107. “Pedagogia Inaciana”, n. 3, in Klein, *Educação Jesuíta*.

108. Juan Jesús Bastero e Fernando de la Puente, *La Unidad Didáctica y el Paradigma Ignaciano* (Madrid: CONEDSI, 2005), 3.

A *contextualização* é o reconhecimento da situação e do ambiente do educando, da instituição educativa e da realidade circundante. São elementos importantes a serem levados em conta, uma vez que se pretende uma metodologia ativa e participativa. Além do mais, esta abordagem ressalta a dignidade, a relevância e a singularidade do ser humano que é conhecido e valorizado quando começa a colocar em marcha o processo educativo.

A *experiência*, segundo o PPI traz uma conotação própria. Não significa a bagagem de saberes e atuações que o aprendiz tem acumulado. A experiência comporta dois elementos: 1) O contato mais direto possível do aprendiz com o objeto do conhecimento e 2) O reconhecimento da ressonância que esta experiência produz no seu mundo interior. A dimensão da afetividade não era considerada na pedagogia tradicional, na qual as emoções e os sentimentos pessoais do aprendiz frente ao conhecimento não tinham espaço para serem expressos. A Pedagogia Inaciana considera a *experiência* como requisito indispensável para que posteriormente ocorra a *ação* do educando.

A *reflexão* na nova didática jesuítica trata de recolher do *modo parisiense* a efetividade do que se estuda. Não se restringe a um mero pensar sobre algo acontecido, mas debruça-se sobre a experiência realizada e inquire o sentido e as implicações do conhecimento que está construindo¹⁰⁹. Por isso, assim como é a dinâmica essencial dos *Exercícios Espirituais*, a *reflexão* o é também na *Pedagogia Inaciana*.

O modo pedagógico de Paris, como foi visto, visava a formar homens letrados e virtuosos, solidamente capacitados e corretamente atuantes. Inácio enfrentou um sem número de dificuldades para preencher as lacunas de sua formação inicial e progredir nos estudos, e assim ser legitimado no serviço de espiritualidade que pretendia oferecer às pessoas. A efetividade dos estudos é assegurada no PPI pela dimensão da *Ação*, que pode ser interiorizada ou também exterior-

109. Diz o PPI: *Só depois de uma reflexão adequada sobre a experiência e de uma interiorização do sentido e das implicações do que se estuda, é possível proceder livre e confiadamente a uma eleição correta dos modos de proceder que favoreçam o desenvolvimento total de alguém como ser humano* (“Pedagogia Inaciana”, n. 25, in Klein, *Educação Jesuíta*).

rizada. *Ação interiorizada* é a transformação interior que o aprendiz reconhece a partir da experiência que fez e do conhecimento que construiu. *Ação exteriorizada* é a transformação manifestada externamente por novas atitudes do aprendiz.

Os exames, verificações e disputas, inovados em Paris para aquilatar o estudo que os alunos realizavam, estão presentes no PPI na dimensão da *Avaliação*. No entanto, por força do binômio *virtude e letras* o campo da avaliação se amplia para além dos conteúdos acadêmicos, passando a contemplar também o *progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com o objetivo de ser ‘pessoas para os outros’*¹¹⁰.

O PPI deslegitima um esquema bifásico de aprendizagem, segundo o qual o aluno recebia a orientação do professor e se preparava para repeti-la, sendo aprovado quanto maior exatidão manifestasse na devolutiva. Tal esquema restringia-se à *experiência*, ao contato do aluno com a matéria do conhecimento, e à *ação*, que era a demonstração ao professor do que havia aprendido. No entanto, *como modelo de ensino para a educação da Companhia de Jesus*, afirma o PPI, é *muito deficiente*, porque não estimula habilidades mais complexas de aprendizagem, como compreensão, análise, síntese e avaliação. E também por que lhe falta a *reflexão*, a busca do significado do que se estuda¹¹¹.

6.3.2. Incentivos pedagógicos

O *modo parisiense já mostrava a emulação* como um recurso pedagógico. Bons exemplos eram apresentados aos alunos para mostrar-lhes a viabilidade de um comportamento correto, digno de ser imitado. A *emulação* aparece de modo indireto nos *Exercícios Espirituais*. Ou seja, Inácio não sugere pessoas exemplares a serem imitadas, mas, pelo contrário, aquelas cujo mau procedimento deve ser rejeitado. Assim aparece nos exercícios sobre o *Pecado*, o *Inferno*, o *Chamado do Rei Temporal*, a *Contemplanção da Encarnação*, a *Meditação das Duas Bandeiras*,

110. “Pedagogia Inaciana”, n. 64, in Klein, *Educação Jesuíta*.

111. “Pedagogia Inaciana”, n. 31, in Klein, *Educação Jesuíta*.

os *Três Tipos de Pessoas*. Na 2ª. *Adição dos Exercícios*, para ajudar o exercitante a envergonhar-se dos seus pecados, Inácio recomenda-lhe *Recorrer a exemplos: como um cavaleiro que se encontrasse perante o seu rei e toda a corte, envergonhado e embaraçado por ter ofendido muito aquele de quem antes recebera tantos dons e favores. Ou ainda, como um grande pecador que, algemado e acorrentado vai comparecer perante o sumo e eterno Juiz*¹¹².

Na *Parte IV* das Constituições dos Jesuítas, o tema da *emulação* não é enfatizado por Inácio. Numa única passagem ele propõe que *Para maior estímulo dos escolásticos, será bom juntar alguns de talentos iguais que mutuamente se animem com santa emulação*¹¹³.

De igual modo, apenas uma vez a *Parte IV* alude às punições, que podem ser boas palavras, repreensões ou castigo aplicado por um corretor não jesuíta. As punições são aplicadas para ajudar a reordenar comportamentos inadequados e evitar que sejam repetidos. Por isso, Inácio justifica a medida punitiva extrema: *Mas quando nem palavras, nem corretor forem suficientes, e se vir que um aluno é incorrigível e escandaloso, vale mais despedi-lo das aulas do que deixá-lo nelas sem proveito próprio e com prejuízo para os outros*¹¹⁴.

O Pe. Arrupe, na exortação *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*, relativiza a *emulação*, sem tirar-lhe a importância, ao dizer que *esse desejo de testemunho cristão e de serviço aos irmãos não se desenvolve com a emulação acadêmica e a superioridade de qualidades pessoais em relação aos outros, mas somente através do hábito da disponibilidade e da servicialidade*¹¹⁵.

Por sua vez, o documento *Características* mostra uma compreensão inovadora do conceito de *emulação*, partindo da consideração que ao longo do tempo ela poderia ter levado a excessos. A nova compreensão não trata de apontar uma pessoa como ponto de referência e de imitação. O próprio educando é desafiado a comparar-se consigo mesmo, com as suas potencialidades em vista a ir elaborando a melhor versão de si

112. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 74.

113. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 383.

114. *Constituições da Companhia de Jesus*, n. 488.

115. Arrupe, “Nossos Colégios”, n. 12, in Klein, *Educação Jesuíta*.

mesmo. Esclarece o documento: *‘Mais’ não implica uma comparação com outros nem uma medida do progresso, em relação a um padrão absoluto. Antes é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa da sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros*¹¹⁶.

Os documentos *Características e Pedagogia Inaciana* não propõem a emulação entre os alunos, mas propõem-lhes Jesus Cristo que por causa de seu testemunho do amor e do perdão de Deus é modelo de vida humana para todas as pessoas, sejam quais forem as suas crenças¹¹⁷. Depois de Jesus Cristo, o grupo de jesuítas, os adultos, os professores, toda a comunidade educativa e as linhas de ação do colégio são para os alunos exemplos e testemunhas da excelência, da preocupação pelos outros, do Evangelho, das finalidades do colégio, dos valores que se pretendem alcançar na educação¹¹⁸.

Ao promulgar o documento *Pedagogia Inaciana*, em Villa Cavalletti, em 1993, o Pe. Kolvenbach dizia: *Mesmo em nossos dias, o Papa Paulo VI observa de forma marcante na ‘Evangelii Nuntiandi’ que ‘os estudantes hoje não escutam atentamente os professores, mas as testemunhas e, se prestam atenção aos professores, é porque dão testemunho’*¹¹⁹.

Quanto às correções e punições, o *modo parisiense* já havia mostrado uma visão antes complacente que intolerante. Os jesuítas abrandaram as modalidades de castigo, como revelam o Colégio de Messina e a *Ratio Studiorum*. Na mesma linha, o documento *Pedagogia Inaciana* retoma o conselho da *Ratio*. Na aula os professores deveriam ser pacientes e saber como fechar os olhos a certos erros, ou deixar a correção para um momento psicologicamente oportuno. Deveriam estar muito mais dispostos

116. “Características da Educação”, n. 109, in Klein, *Educação Jesuíta*.

117. “Características da Educação”, n. 59, in Klein, *Educação Jesuíta*.

118. “Características da Educação”, n. 43, 68, 79, 84, 100, 114, in Klein, *Educação Jesuíta*.

119. “Pedagogia Inaciana”. Uma proposta prática, n. 142, in Klein, *Educação Jesuíta*.

*a louvar do que a censurar e, sendo necessária uma correção, deve ser feita sem rancor*¹²⁰.

6.4. O Cuidado da pessoa

Depois de experiências escolares frustrantes, a *cura personalis*¹²¹, o cuidado da pessoa, a discrição do seu orientador e o respeito pela sua situação, constituíram uma experiência que marcou a vida de Inácio ao chegar a Paris para os seus estudos. Ele experimentou pessoalmente o tratamento personalizado, sem imposições, adaptado à sua idade, às experiências acadêmicas anteriormente realizadas, ao seu projeto de vida.

A estrutura e a organização dos *Exercícios Espirituais* revelam o zelo de Inácio por ajudar a pessoa a tirar o maior proveito da experiência que se dispõe a realizar. Comprova isso a abundância de orientações, de esclarecimentos e de recomendações oferecidos ao exercitante. O respeito pela pessoa leva Inácio a prevenir firmemente o orientador de qualquer imposição, doutrinação ou exortação indevida para o exercitante, nem mesmo de assuntos religiosos. *Quem dá os exercícios não deve mover o que os recebe mais à pobreza, nem a qualquer promessa, do que aos seus contrários, nem mesmo a um estado ou modo de vida do que a outro*¹²². É a pessoa que tem que exercitar a liberdade, optando pelo caminho a seguir.

Logo ao declarar o título dos *Exercícios*, Inácio descreve o pressuposto para o cuidado pessoal do exercitante e da sua relação com o orientador. É uma ‘regra de ouro’ para as relações entre as pessoas:

120. “Pedagogia Inaciana”, n. 141, in Klein, *Educação Jesuíta*.

121. A conferência do Pe. Kolvenbach sobre a *Cura Personalis* explica esta expressão inaciana e ilumina o papel do orientador ou do professor. “Cura Personalis”, em *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=104>.

122. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 15.

Para que mais se ajudem tanto quem dá os exercícios como quem os recebe, é necessário pressupor que todo bom cristão deve estar mais pronto a salvar a afirmação do seu próximo do que a condená-la. Não a podendo salvar, pergunte como ele a entende. Se a entende mal, corrija-o com amor. Se isto não bastar, recorra a todos os meios convenientes para que, entendendo-bem, ela seja salva¹²³.

A *Ratio Studiorum* trata de assegurar o cuidado da pessoa do aluno através de recomendações pormenorizadas:

Com o auxílio da graça divina, o professor deverá ser em tudo diligente e assíduo, solícito pelo progresso dos alunos, quer seja nas aulas, quer seja nas restantes atividades literárias; não mostrará mais familiaridade com uns do que com outros; não desprezará ninguém; interessar-se á pelos estudos dos pobres como dos ricos, e cuidará de modo especial do progresso de cada um dos seus escolásticos¹²⁴.

Na *Ratio*, o cuidado com a pessoa estava presente mesmo no caso de recurso a sanções disciplinares, quando *procurar-se-á agir tanto quanto possível com brandura, em espírito de paz e de caridade para com todos*¹²⁵.

Na alocução *Nossos colégios hoje e amanhã*, Arrupe afirma que os alunos são o segmento principal da comunidade educativa, o que torna imperioso que o seu cuidado por parte dos educadores se dê através da proximidade, do acompanhamento, da compreensão de suas vivências, hábitos e ideais¹²⁶.

O documento *Características* afirma *a atenção pessoal continua a ser uma característica básica da educação jesuíta*. Essa concepção enriquece o perfil do educador que deixa de ser um mero instrutor acadêmico e se torna companheiro de aprendizagem dos educandos, interessado em sua vida, promotor do seu desenvolvimento integral¹²⁷.

123. Loyola, *Exercícios Espirituais*, n. 22.

124. *Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores*, n. 20 (Miranda, *Código Pedagógico*).

125. *Regras para o prefeito de estudos inferiores*, n. 41 (Miranda, *Código Pedagógico*).

126. “Arrupe”, *Nossos colégios*, n. 24, in Klein, *Educação Jesuíta*.

127. “Características da Educação”, n. 43, in Klein, *Educação Jesuíta*.

No entanto, é importante considerar que como Arrupe ampliou o conceito de colégio para o de comunidade educativa, o zelo e o acompanhamento não devem focalizar apenas os alunos, mas igualmente os diversos segmentos: comunidade jesuíta, dirigentes, educadores, funcionários, alunos e seus responsáveis e os antigos alunos. Por isso, o documento *Características* dá um passo ousado ao afirmar que *a atenção pessoal não se restringe à relação entre professor e aluno. Afeta também o currículo e toda a vida da instituição. Todos os membros da comunidade educativa se preocupam uns com os outros e aprendem uns dos outros... O interesse pessoal se estende também aos antigos alunos, aos pais e aos alunos dentro de suas famílias*¹²⁸.

O documento *Pedagogia Inaciana* ressalta o papel insubstituível do professor no processo educativo e retoma recomendações da *Ratio* quanto às atitudes no cuidado da pessoa do aluno. São o conhecimento da pessoa e da vida do aluno; a relação de proximidade e amizade; o respeito às circunstâncias, a dignidade e personalidade; a paciência para certos erros. *O clima de amizade que se fomenta ao aconselhar o aluno, frequente e casualmente, se possível fora das horas de aulas, pode contribuir muito para isto*¹²⁹.

7. Considerações finais

O *modo parisiense* exerceu tal impacto sobre Inácio de Loyola e os companheiros cofundadores da Ordem dos Jesuítas que os levou a adotarem-no como modo de proceder pedagógico das suas instituições educativas.

Visto que a Universidade de Paris não apresentava propriamente um método, mas um conjunto de procedimentos, a educação jesuíta, eclética desde os seus inícios, selecionou e aproveitou os elementos que melhor condiziam com os seus objetivos. Neste trabalho foram considerados, dentre outros, quatro elementos: a finalidade religiosa da

128. “Características da Educação”, n. 44, in Klein, *Educação Jesuíta*.

129. “Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática”, n. 141, in Klein, *Educação Jesuíta*.

instituição educativa, a organização escolar, a metodologia participativa e o cuidado com a pessoa e a adaptação à sua realidade.

É notável perceber como a força do *modo parisiense* não se estancou no século XVI. Os seus elementos têm estado presentes nas orientações da Companhia, de modo patente ou subliminar. O enfoque de Paris se destaca claramente, como foi visto, nos *Exercícios Espirituais*, na *Parte IV* das *Constituições* e na *Ratio Studiorum*. Nos principais documentos pedagógicos recentes do governo central dos Jesuítas, o *modo de Paris* subjaz na defesa da precisão de sua identidade, no profissionalismo da organização e gestão, na opção por um itinerário e recursos didáticos personalizadores, e no cuidado com os diversos integrantes – não apenas os alunos –, da comunidade educativa.

A Companhia de Jesus não tem elaborado um método pedagógico, mas dispõe de um modo de proceder que provém de longa e rica tradição, o qual tem se mantido continuamente aberto para se deixar enriquecer com outros aportes psicopedagógicos contemporâneos.

Este modo de proceder, embora por vezes possa tornar as instituições educativas jesuíticas semelhantes a entidades congêneres, é característico da Companhia por manifestar a *inacianidade*, a marca diferenciadora do trabalho realizado.

Bibliografia

- Arrupe, Pedro. “Nossos colégios hoje e amanhã”. In: Klein, Luiz Fernando (Org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*, São Paulo: Loyola, 2015.
- “Características da Educação da Companhia de Jesus”. In: Klein, Luiz Fernando (Org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*, São Paulo: Loyola, 2015.
- Codina Mir, Gabriel. *Aux sources de la pédagogie des jésuites. Le ‘modus parisiensis’*. Roma: Institutum Historicum S.J., 1968.
- Codina Mir, Gabriel. “El ‘modus parisiensis’”. *Gregorianum* 85, n. 1 (2004): 43-64.
- Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*. São Paulo: Loyola, 2004.
- Farrell, Allan. *The Jesuit code of liberal education*. Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1938.
- Ganss, Jorge. *Universidad y educación jesuíticas ideadas por San Ignacio*. La Habana: Ediciones y Publicaciones Antillenses, 1958.
- García-Villoslada, Ricardo. *Santo Inácio de Loyola. Nova biografia*. São Paulo: Loyola, 1991.

- Gomes, Joaquim Ferreira. “O Modus Parisiensis como matriz da pedagogia dos jesuítas”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, n. 50 (1994): 179-196.
- Jacob, André. *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- Klein, Luiz Fernando. *Atualidade da pedagogia jesuítica*. São Paulo: Loyola, 1997. In: Centro Virtual de Pedagogia Ignaciana <http://www.pedagogiaignaciana.com>.
- Kolvenbach, Peter-Hans. “Discurso en la apertura del Congreso de estudios internacionales sobre la Pedagogía Ignaciana” (Messina: 14/11/1991). In: *El P. Peter-Hans Kolvenbach, S.J. y la Educación 1983-2007*, Bogotá: ACODESI, Col. Aportes 10, 2009.
- Lange Cruz, W. Ignacio. *Carisma Ignaciano y mística de la educación*. Madrid: Comillas, 2005.
- Lasala, Fernando de. “El Modus Parisiensis: una presentación de las raíces de la Ratio Studiorum de los colegios de los jesuitas”. Gonçalves, Miguel; Bizarro Morais, Carlos; Martins Lopes, José Manuel (Orgs.). *Repensar a escola hoje: o contributo dos jesuítas*. Braga: Universidade Católica Portuguesa e Faculdade de Filosofia, 2007.
- Loyola, Inácio de. *Escritos de Santo Inácio. O relato do peregrino*. São Paulo: Loyola, 2006.
- Loyola, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- Loyola, Inácio de. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- Lukács, Ladislaus. *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu (1540-1556)*, Roma, Vol. I, 1965.
- Martins Lopes, José Manuel, *O projecto educativo da companhia de Jesus. Dos Exercícios Espirituais aos nossos dias*. Braga: Faculdade de Filosofia e Universidade Católica Portuguesa, 2002.
- Miranda, Margarida. *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599]*. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.
- O'Malley, John. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo: UNISINOS e EDUSC, 2004.
- Pedagogia inaciana. Uma proposta prática. In: Klein, Luiz Fernando (Org.), *Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana*, São Paulo: Loyola, 2015.
- Storck, João Batista, “Do Modus Parisiensis ao Ratio Studiorum: os jesuítas ea educação humanista no início da Idade Moderna”, *Revista História da Educação* 20, n. 48 (Jan. Abr. 2016): pp. 139-158.